



O Grito dos **MENINOS E MENINAS** DE RUA

ANO III N: 9

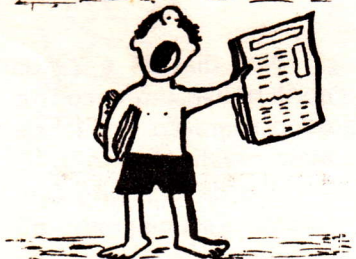
Recife, Maio de 1990

1º de Maio dia do trabalhador

Nós meninos, meninas e educadores, aproveitamos este 1º de Maio para denunciar:

Que a reforma agrária não chegou. Que tem cada vez mais meninos e meninas na rua. Que apesar do Fórum e da Frente a polícia continua batendo forte. Que os trabalhos com os meninos continuam na miséria financeira. Que a Febem, apesar de tanta mudança, não melhorou muita coisa.

Que os governos estadual e municipal ficaram longe dos problemas dos meninos e meninas de rua. Que a educação, saúde e habitação não



chegaram perto do nosso problema. Que o esquadrão da morte continua matando. Que as leis foram feitas mas não são aplicadas. Que financeiramente a Febem está na miséria, e pior estão os trabalhos das entidades não-governamentais, que recebem migalhas do governo.

Nós meninos, meninas e educadores nos sentimos abandonados. Por isso, exigimos mais ação muito mais respeito. Exigimos mudanças radicais.

Movimento Nacional de
Meninos e Meninas de
Rua de Pernambuco

Educação proibida

Fofão é um novo educador do Centro da Cidade. No dia 25 de abril foi trabalhar com os meninos da Praça Joaquim Nabuco, onde sentou-se perto da estátua. Aos poucos formou-se uma roda de meninos. Fofão começou o seu papo.

Logo chegou uma dupla de policiais que disseram: "Vá andando" "Sai daqui".

Fofão tentou explicar o que estava fazendo.



Mas a ordem dos policiais não mudou: "Saia", disseram eles.

No encontro estadual onde falamos sobre a Constituição Brasileira, principalmente da Lei número 227, e quando se leu que "a criança tem direito à educação e à cultura, um menino gritou: "E como é que um policial pode acabar com uma roda de Capoeira? Nós não temos direito a educação e à cultura"!

Lazer e alimento

No encontro estadual de meninos e meninas de rua foi lida e estudada a Constituição Brasileira, principalmente a Lei 227 que diz o seguinte: "O menino tem direito à vida, saúde, alimentação, educação, profissionalização e cultura".



Um menino da Baixa Verde falou com um educador e disse assim: — Já sei. Amanhã, na Baixa Verde, quando estiver cheirando minha cola, e um policial quiser me prender eu gritarei: "A lei 227". O policial certamente não conhece

a lei, mas explicarei a ele "Você não pode me prender porque a lei 227 diz que eu tenho direito à lazer e alimentação". O policial vai dizer: "Mas não à cola". Mas vou responder que a cola é meu lazer e muitas vezes a minha única alimentação.



Menina com raiva

Era mais ou menos dez horas da manhã, do dia 3 de abril, quando a menina entrou correndo na Casa do Cais José Mariano. O guarda municipal, que fica de plantão na casa, pediu pra ela sair, porque não pode entrar com cola naquele local. Nesse momento chegaram dois policiais querendo tomar a cola da menina.

Aí se formou a confusão. A menina correu, escondeu a cola e os policiais foram atrás. E foram logo batendo na garota. Ela pegou um vidro e ameaçou cortar quem batesse nela. Um policial tomou o vidro e dominaram a menina.

O Grito dos Meninos e Meninas de Rua é uma publicação do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua - Pernambuco. Endereço: Rua Floriano Peixoto, 85 - Edf. Vieira da Cunha - Sala 341 - Fone: 224.8831 - Recife - PE. Boletim produzido por: Netinha - Iran - Rubinho - Jorge - Irenaldo - Albanizo - Adriano e Solange. Diagramação/Composição/Arte: Equipe de Comunicação Sindical (ECOS).

Recife, Maio de 1990

Mais um crime



Iran, educador avisou na reunião da última quarta-feira que tinha uma notícia importante. No fim da reunião ele passa a informação:

Ano passado, na celebração do 1º de Maio, foi apresentado um menino que havia sido espancado pela polícia. Tiraram até um retrato das costas dele, na época.

Acontece que este menino foi morto na semana passada, em Peixinhos, no Edifício da Celpe.

Este prédio está localizado num sítio. Numa tarde o menino tentou pular o muro para tirar algumas mangas. O vigilante atirou no menino no momento em que estava em cima do muro.

Dois gritos

Nos dias 21 e 22 de abril houve um encontro de preparação do 1º de Maio, realizado no CTC (Centro de Trabalho Cultural). Participaram 53 meninos e meninas da área metropolitana.

Neste encontro foram ouvidos dois "gritos". O primeiro grito foi de Cristiano, um menino da Baixa Verde, no Derbi.

Ele falou sobre sua vida e no fim da conversa ele disse: "EU NÃO SOU BICHO"!

O segundo grito saiu da boca de Antônio Carlos Rios, um educador e sindicalista. Ele nos disse o seguinte: "Vocês não são meninos e meninas de Rua. VOCÊS SÃO FILHOS DA CLASSE OPERÁRIA, EXPLO-RADA E MALTRADA"!

Solidariedade

Este jornal recebeu a notícia que Demetrius e a Comunidade dos Pequenos Profetas estão sofrendo toda espécie de pressão.

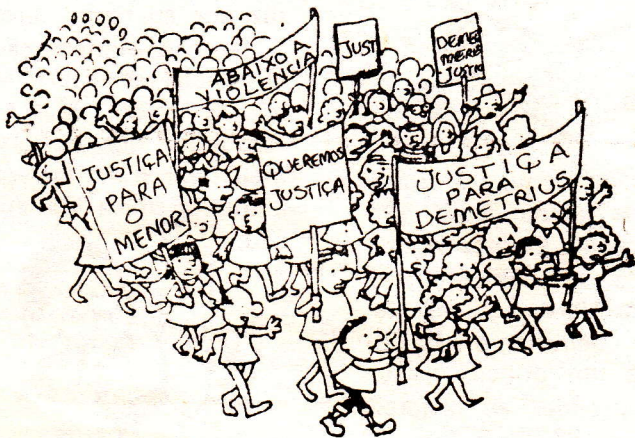
A casa daquela comunidade já foi roubada e violada por três vezes. O Demetrius e as próprias crianças receberam várias ameaças por telefone. Uma menina desapareceu misteriosamente da casa. O carro de Demetrius foi arrancando das mãos dele, e o próprio Demetrius foi sequestrado.

O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua protesta contra estas ações. Queremos ser solidários com a Comunidade dos Pequenos Profetas e com Demetrius.

É impressionante: quem faz um trabalho sério com estes meninos e meninas é tratado deste jeito. Existem grandes interesses econômicos para manter a situação dos meninos e meninas do jeito que está.

Atrás de cada criança há um adulto que explora esta miséria. Por isso, um trabalho sério é temido e perseguido.

Protestamos contra todas ameaças e queremos apoiar a Comunidade dos Pequenos Profetas e Demetrius em todos sentidos. Exigimos que as autoridades competentes tomem providências.



O queixão da polícia

FORA
CHEIRA
COLA



Os educadores estavam conversando com alguns meninos, na Praça Joaquim Nabuco, no dia 24 de abril, quando se aproximaram dois policiais. Um deles deu um tapa na cara de um menino, tomou a cola que ele tinha na mão e gritou para todo mundo se retirar daquele local. Um educador falou para o policial que os meninos estavam trabalhando, tinham cola mas não estavam cheirando. O policial quiz "engrossar", mas o educador ficou firme na sua posição. O policial desistiu de mandar os meninos saírem da Praça. Disse só que não queria vê-los cheirando cola, e foi embora, deixando o educador e as crianças sossegadas na Praça.